



Revista APMED - Volume 1 - Número 1 - Julho de 2022

FULGURÂNCIAS E MISTÉRIOS DE UMA REFINADA ESCRITA LITERÁRIA

JOSE MÁRIO DA SILVA

Academia Paraibana de letras / Academia de Letras de Campina Grande

O ensaísta português Eduardo Lourenço afirma que, depois de Fernando Pessoa, ela será o grande mito da Literatura Portuguesa. Lúcia Castello Branco, crítica literária brasileira, por sua vez, assevera que “fragmentária, singular, sua escrita franqueia os limites entre memória e ficção, estilhaça o sujeito, faz do pormenor inútil matéria literária, busca a coisa que o signo já não é como se possível fosse, busca o além da linguagem, o Real, o impronunciável”. Já a ensaísta portuguesa Silvina Rodrigues Lopes assim caracterizou a literatura por ela produzida: “perda, aniquilamento, esvaziamento do signo a seu grau zero”.

Todas essas aferições, ao lado de outras tantas que compõem uma diversificada fortuna crítica, incidem sobre a escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, que nasceu em Lisboa no ano de mil novecentos e trinta e um e faleceu em dois mil e oito, deixando uma obra literária sumamente variada, na qual ficção, memórias, diários, dentre outros gêneros apaixonadamente cultivados, revelam uma escritora luminosa, diferente, plena de originalidades e descobertas, sempre no encaixo da permanente convivência com o ato/processo da criação literária.

Fazendo da escrita literária em perspectiva criadora abrangente um dado essencial da sua existência, uma verdadeira extensão do seu peculiar jeito de ser e de estar no mundo, Maria Gabriela Llansol emula contra os enquadramentos previsíveis dentro desta ou daquela manifestação literária mais facilmente demarcável, preferindo, em direção diametralmente oposta, aventurar-se, apaixonada e libertariamente, pelo universo ilimitado da linguagem em sua perseguida feição estética. Sua textualidade transliterária configura-se numa espécie de universo acolhedor de todas as utopias possíveis. Do não lugar. Do entre-lugar. Do outro lugar concebido pela imaginação humana, nascida, contudo, do embate concreto com a realidade nossa de cada dia. A emblemática assertiva de um dos narradores da imensa Clarice Lispector “gêneros não me pegam mais” bem poderia funcionar como uma das fisionomias estéticas e existenciais mais compatibilizadas com o estranho, original e sedutor projeto literário engendrado pela notável Maria Gabriella Llansol, pois, como ela mesma diz, “A língua é a portuguesa, mas o pensamento está a alargar-se”, para além de todas as fronteiras, limites e demarcações.

Escritora que pensava o sentimento e sentia o pensamento de maneira radicalmente simultânea e densamente dialética, à luz do que preconizava a singular e heteronímica poética de Fernando Pessoa, Maria Gabriela Llansol principiava o seu périplo pelo fascinante território do ato/processo da criação literária pondo em crise a clássica concepção mimética da literatura, isto é, literatura encarada como representação objetiva de uma dada realidade exterior à linguagem.

Contra esse aristotelismo conceitual de origem, ou melhor, contra uma percepção redutora do pensamento do magistral filósofo grego, Maria Gabriela Llansol propugnava por uma escrita ávida por captar o gesto essencial, seminalmente interior, de todas as vivências do ser, a começar, naturalmente, por aquelas que, sem exceção

e sem distinção, corporalmente, teciam e desteciam os fios de que se compunha a sua integral existência, tudo, ao fim e ao cabo, produzindo uma arte roçante do mítico, do mágico, do místico, enfim, da procura pelas dimensões mais profundas da realidade. Mergulhar na nervura essencial de tudo quanto compõe o milagre e o mistério da existência, eis o roteiro perseguido pela exímia escritora portuguesa. Aqui, em vez da documentalidade própria das escrituras fotográficas, Maria Gabriela Llansol enveredava por uma criação literária, na qual a linguagem, por assim dizer, fundava as suas particulares e autocentradas referências; linguagem essencialmente poética e anticanônica em todas as suas singulares formulações.

Num dos seus mais impressionantes depoimentos sobre o seu ofício de escritora, Maria Gabriella Llansol assim se pronunciou: “eu não espero para escrever, nem deixo de escrever para passar pelo exercício que produz a escrita; tudo é simultâneo e tem as mesmas raízes, escrever é o duplo de viver; poderia dar como explicação que é da mesma natureza que abrir a porta da rua, dar de comer os animais, ou encontrar alguém que tem o lugar de sopro no meu destino”.

Noutro momento, ainda em postura eminentemente metalinguística, assim se pronunciou Maria Gabriella Llansol: “O lugar imaginante dos meus textos é o espaço edênico. Até hoje não encontrei termo mais adequado, apesar de, ao chama-lo assim, me ver obrigada a desconstruir uma tradição religiosa. [...] um espaço edênico que não esteja na origem do universo, como diz o mito; que seja criado no meio da coisa, como um duplo feito de novo e de desordem; que sempre existiu e não só no princípio dos tempos; que está correndo o risco de desaparecer aqui e a novidade de aparecer, além, incógnito e irreconhecível; que não é fixo, como sugere a tradição, mas elaborável segundo o desejo criador do homem...”.

Maria Gabriela Llansol, com delicadeza e refinada fatura estilística, questionava sedimentados conceitos que enformam o panorama cada vez mais intrincado e labiríntico da teoria literária. Não se considerava uma produtora de ficção, mas, sim, uma escritora para quem a literatura e a vida eram faces complexas e inseparáveis de um mesmo fulgor e mistério, que somente podem ser intuídos e transfigurados pela força demiúrgica da linguagem. Para essa notável escritora, “a escrita é o caminho mais curto entre dois pontos e, desse modo, lugar de coincidência entre o acontecimento do real e o acontecimento do texto”.

Sem temer os paradoxos, antes com eles nutrindo o seu vigilante espírito e o seu totalizador projeto estético e existencial, Maria Gabriela Llansol investiu contra a literatura e, ao mesmo tempo, fez dela o seu mais solene e sublime instrumento de amor, afeto e comunicação com o outro, num mundo em que, lamentavelmente, amor e afeto vão a pouco e pouco se transformando em dois ilustres desconhecidos.